

# BASÍLICA DO IMACULADO CORÇÃO DE MARIA<sup>1</sup>

Cláudia Guedes Cardoso<sup>2</sup>

**DOI: 10.5752/P.2316-1752.2021v28n42p125-158**

## **Resumo**

Este artigo visa dialogar sobre a presença e a importância do papel da arte e da arquitetura, que derivam dos estilos neoslâmicos na arquitetura brasileira. Partindo de uma análise sobre elementos da Basílica do Imaculado Coração de Maria, vê-se que suas relações e produtos, derivados da influência islâmica na Península Ibérica, ainda guardam os valores que adquiriram em seu processo de criação e desenvolvimento, bem como foram incorporados aos trabalhos de artistas e arquitetos portugueses, espanhóis e brasileiros.

**Palavras-chave:** Arquitetura. História da Arte. Igreja. Neoslâmico

---

<sup>1</sup>Este artigo é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Especialista em Arte Sacra pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro em 2018.

<sup>2</sup> Bacharel em História da Arte pela EBA-UFRJ, Especialista em História da Arte Sacra pela FSB-RJ, mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais EBA-UFRJ, orientada por Carlos G. Terra e bolsista CAPES. E-mail: cardosog.claudia@gmail.com

### **Abstract**

This article aims to discuss the presence and importance of the role that art and architecture derive from neo-Islamic styles in Brazilian architecture. Based on an analysis of elements of the Basilica of the Immaculate Heart of Mary, it can be seen that the relations and products of these, derived from Islamic influence in the Iberian Peninsula, still retain the values they acquired in their creation and development process, as well as being incorporated in the works of Portuguese and Spanish artists and architects, and finally, Brazilians.

**Keywords:** Architecture. Art History. Church. Neoislamic.

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo discutir la presencia e importancia del papel que el arte y la arquitectura derivan de los estilos neoislámicos en la arquitectura brasileña. A partir del análisis de elementos de la Basílica del Inmaculado Corazón de María, se puede apreciar que sus relaciones y productos, derivados de la influencia islámica en la Península Ibérica, aún conservan los valores adquiridos en su proceso de creación y desarrollo, además de ser incorporados a las obras de artistas y arquitectos portugueses y españoles y, finalmente, brasileños.

**Palabras llave:** Arquitectura. Historia del Arte. Iglesia. Neoislámic

O presente artigo visa, a partir da análise arquitetônica e ornamental da Basílica do Imaculado Coração de Maria, localizada no Méier, no Rio de Janeiro, dialogar sobre a presença e a influência do revivalismo da arte islâmica no período eclético carioca. Esse edifício é um exemplo raro, principalmente no Brasil, dos traços de inspiração neoárabe presentes na arquitetura eclética brasileira entre o final do século XIX e o início do século XX.

A Basílica Menor do Imaculado Coração de Maria (Fig.1) localiza-se no bairro do Méier, na Rua Coração de Maria, número 66, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Encontra-se em funcionamento e está aberta ao público, conta com a oferta de cerimônias religiosas, festas e agendamento de horários de visita para turistas ou pesquisadores.

Ela possui 64 metros de comprimento por 24 metros de largura, bem como a capacidade de abrigar cerca de novecentos fiéis. Infelizmente não se teve acesso a dados mais exatos sobre as medidas arquitetônicas externas e internas da igreja, já que não foram encontrados até então documentos nas esferas públicas de pesquisa e a única fonte de dados existente na igreja é o livro sobre a história da Basílica do Imaculado Coração de Maria, que consta da bibliografia deste artigo. De acordo com

alguns pesquisadores e o próprio arquiteto, ela foi idealizada e construída no estilo neomuçárabe<sup>3</sup>, o que será debatido mais adiante.

A Basílica foi projetada pelo famoso arquiteto e engenheiro espanhol Adolfo Morales de los Rios<sup>4</sup>. Sua produção arquitetônica engloba, além deste, vários outros edifícios na cidade do Rio de Janeiro, como, por exemplo, a Escola Nacional de Belas-Artes (ENBA, 1906/1908), hoje conhecido como Museu Nacional de Belas-Artes, e outros em Recife, Salvador e Maceió, que eram voltados para o uso civil ou religioso.

Apesar do desenvolvimento urbano da região e da profusão de prédios que a circundam, esta igreja ainda exerce um forte impacto visual ao espectador ou visitante. Isso se deve a sua enorme e maciça estrutura feita a partir de tijolos avermelhados, idênticos aos encontrados no Castelo Mourisco, sede da Fundação Oswaldo Cruz, localizado em Manguinhos, também no Rio de Janeiro, para relembrar um castelo medieval.

---

<sup>3</sup> Releitura de elementos arquitetônicos e artísticos da arte islâmica e árabe feita a partir do século XIX. O que inclui os sub estilos: mourisco, mudéjar e moçárabe.

<sup>4</sup> Adolfo Morales de Los Rios y Garcia de Pimentel. Espanha - Sevilha, 1858. Brasil - Rio de Janeiro, 1928. Famoso arquiteto, urbanista, projetista, pesquisador, professor e historiador.



**Figura 1**

Basílica do Imaculado Coração de Maria, no Méier, Rio de Janeiro, Brasil. Vista parcial da lateral da torre.

Foto: Cláudia Cardoso

Observando a imagem acima, nota-se que a fachada da Basílica é composta por dois tipos de tijolos: o primeiro terço da torre e a estrutura da nave são recobertos por tijolinhos cerâmicos avermelhados, já os

tijolos dos últimos dois terços da torre, embora ainda em tons avermelhados, são mais rústicos. Os mesmos tijolos são usados em composições geométricas repetidas em sequências para criar uma ornamentação integrada à fachada e à estrutura. Os demais detalhes da fachada são feitos com pedras cinzentas e pinturas de fundo amarelo com detalhes em azul e marrom. No espaço que antecede a entrada da igreja, ao se olhar para cima, é possível perceber pinturas de emblemas ligados à ordem religiosa responsável pelo edifício.

Para compreender o porquê de terem escolhido este estilo arquitetônico para a composição do edifício, faz-se necessário entender os precedentes históricos que levaram à sua construção. Entre eles estão: a história da ordem religiosa que contratou o serviço de construção da igreja e as questões histórico-estilísticas ligadas ao movimento eclético.

## **1. Sobre a Ordem Claretiana e a Igreja do Imaculado Coração de Maria**

A história da igreja se inicia antes mesmo de sua construção quando um grupo de padres claretianos<sup>5</sup> viaja pelo Brasil em sua missão de

---

<sup>5</sup> Claretianos: ordem religiosa fundada em 16 de julho de 1849, na Espanha, pelo padre Antônio Maria Claret e aprovada em 1860 pelo papa Pio IX. É dedicada à vida missionária e ao trabalho social. Fundaram, e são parte da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, cujo lema é *"Para iluminar o mundo inteiro em fogo com o amor de Deus"*. Claret entendia que o trabalho missionário nasce do amor e da dedicação à evangelização, e não há amor maior que o de Maria,

evangelização. Após passarem alguns anos realizando missões no Tocantins, o grupo de quatro padres espanhóis, Ignacio Bota, Florentino Simón, Fernando Rodríguez e Higinio Chasco (Fig. 2), fundam uma pequena comunidade claretiana no Méier, onde são acolhidos pela sociedade local. Em 1908 o grupo adquire, por meio de doação de fiéis, um imenso terreno no Méier onde começam a pôr em marcha a concretização de seu sonho de ter uma igreja dedicada à Maria Santíssima e seu Imaculado Coração.

---

portanto, em qualquer região onde há comunidades claretianas há a construção e dedicação de igrejas ao Imaculado Coração de Maria. Disponível em < <https://claret.org.br/claretianos> > . Acesso em: jun. 2020.



**Figura 2**

Fundadores da Ordem Claretiana no Méier.

Foto: Cláudia Cardoso. Extraída do livro Missionários Claretianos no Méier, livro comemorativo dos 75 anos da igreja.



Em 31 de outubro de 1909 há o lançamento da pedra fundamental da igreja, por Dom Xisto Albano, Arcebispo do Maranhão. No início de dezembro do mesmo ano inicia-se a primeira etapa de obras, seguindo a planta baixa e o projeto completo criado por Adolfo de Moraes. A segunda parte da igreja a ser construída só foi entregue em 23 de agosto de 1914, ainda parcialmente construída. Só em dezembro de 1917 é que as obras de construção foram completadas e a Igreja do Imaculado Coração de Maria foi definitivamente entregue, por meio de missas solenes e cerimônias, a comunidade do Méier (Fig. 3).



### **Figura 3**

Terceira parte da construção da igreja, 1917.

Foto: Cláudia Cardoso. Extraída do livro *Missionários Claretianos no Méier*, livro comemorativo dos 75 anos da igreja.

A Torre da Igreja só teve a cerimônia de lançamento de sua pedra fundamental em 31 de agosto de 1919, celebrada pelo Cardeal Arcoverde. As obras de construção da torre só foram completadas em 22 de setembro de 1924. Quanto aos sinos da torre, segundo o projeto inicial de Adolfo de Morales, dois deles seriam incorporados ao topo da torre e projetados a partir do conjunto de janelões. Contudo, após uma segunda análise minuciosa das condições do terreno, chegou-se ao acordo, por questões de segurança, que o campanário deveria ser instalado na junção da torre com o edifício base.

Infelizmente, em 1929, a estrutura da igreja sofreu uma terrível perda. Devido a erros ocasionados por remodelações nas estruturas das colunas principais para a inserção de novas pinturas no teto, a estrutura ficou enfraquecida e não suportou o peso do forro e do telhado da igreja, que veio a desabar completamente no mês de setembro do ano citado, levando consigo o arco do cruzeiro e uma das laterais, bem como boa parte da nave central. Essa não foi a única alteração feita tanto na estrutura da igreja quanto na ornamentação, com o tempo, principalmente nas últimas décadas, a igreja sofreu graves descaracterizações. Ela perdeu quase toda decoração interior, incluindo composições das pinturas

originais, como, por exemplo as do altar-mor e do teto da nave, além disso, sua fachada de tijolinhos vermelhos sofreu perdas e alterações, sendo em parte reconstruída.

A Igreja do Imaculado Coração de Maria foi elevada à categoria de Basílica no ano de 1964 e tombada pelo município do Rio de Janeiro em 2009, sob o decreto-lei de número 31. 584, do dia 11 de novembro de 2009. Ela foi tombada como um valioso conjunto de bens de importante valor histórico, cultural, artístico e social para a região do Méier, sendo um marco visual do bairro e, até hoje, a partir de sua arquitetura, uma fonte motivadora para debates e construção de saberes.

## **2. Considerações sobre as questões histórico-estilísticas do Eclétismo**

Uma das definições propostas para a palavra eclétismo é a que se refere a etimologia da palavra onde essa, é derivada do grego *Eclego* (escolher/tomar) que se refere a um processo de acomodação e encontra sua correspondente direta na palavra *Eclesia*, neste sentido definida como reunião. Já em sua definição quanto movimento, adquire certa peculiaridade e particularidade na primeira metade do século XIX, sendo mais que uma atitude direcionada para a formação de um todo a partir da coletânea e justaposição sistemática de elementos oriundos de diferentes sistemas e culturas.

O ecletismo pode ser tido como um processo de acomodação de várias referências históricas e estilísticas no tempo, caracterizando um tipo de arquitetura que visava ser tida como “fora do tempo”. Pode apresentar um virtuosismo técnico e estrutural, como também uma combinação de dramaticidade, conforto, expressividade artística, luxo, emoção e exuberância, quando consideradas certas características de alguns *neos* existentes.

O uso do ecletismo se dá a partir da escolha do arquiteto em compor, por meio da justaposição de elementos provenientes de diversos sistemas arquitetônicos, (compor o quê?) e, com isto, formar um todo com um caráter próprio, único, consideração esta que pode ser corroborada pela escolha de Péricles Memória Filho (2008)<sup>6</sup> em citar em seu livro sobre o ecletismo a explicação de um professor sobre o tema:

O ecletismo em arquitetura é o profissional ir buscar aqui e ali, a seu bel prazer, pormenores arquitetônicos de épocas anteriores ou de outros lugares, e combiná-los numa nova forma plástica empregando-os como elementos de um novo tipo de construção. (...) - dizia o Professor Lucas Mayhofer. (FILHO, apud. Mayhofer, p.31, 2008).

---

<sup>6</sup> A citação utilizada é apenas um trecho da originalmente usada por Péricles Memória Filho em seu livro “*Archimedes Memória - O último do Ecleticos*” (p.31). O autor a usa para resumir a importância e o papel tanto do ecletismo quanto do profissional no âmbito da arquitetura, fazendo referências aos estilos usados nas mais diversas construções.

O ecletismo<sup>7</sup> existe desde o início do século XVIII, principalmente na Europa e com poucos casos no Brasil, se tornando uma corrente secundária na arquitetura até os primeiros anos do século XIX, para depois assumir hegemonia até o período da Primeira Guerra Mundial. Se for considerar a partir do século XVIII tem-se que, tanto o mundo quanto a sociedade passaram por diversos eventos, sejam eles de caráter político, social, econômico ou cultural, que ocasionam importantes mudanças em suas estruturas fundamentais de organização, como um todo.

No período entre os séculos XIX e XX a Modernidade começa a se delinear na Europa, e como reflexo disso a arquitetura ocidental pouco a pouco se renovou completamente. Neste período entre séculos foram redefinidos vários papéis, entre eles, o da sociedade e o do Estado, e como acontece em qualquer período da história a arte respondeu às essas mudanças também se redefinindo e questionando os conceitos o que a formavam até então. Em especial para a arquitetura este foi um

---

<sup>7</sup> Neste trecho utilizo a palavra "*Ecletismo*", na verdade, como parte de um processo de revivalismo historicista na arquitetura europeia iniciado nos finais do século XVIII, e que se desenvolveu para o que se considera ecletismo atualmente, onde os mais diversos elementos de estilos artísticos de origens diferentes são incorporados em uma mesma edificação. Tomo como norte para esta atribuição as considerações acerca do tema feitas por Pevsner (1982), que analisa este processo de formação do "*Ecletismo*" como "*Historicista*" e os textos de Del Brenna e Patetta (1987), onde a primeira autora considera já elementos da arquitetura colonial carioca como parte de um "*Ecletismo*" diferenciado, principalmente devido à mistura de elementos na arquitetura civil carioca, e o segundo autor, subdivide o "*Ecletismo*" em "*Historicista*" e "*Pastiche*", nos quais a diferença está baseada em utilizar somente uma origem histórica ou uma miscelânea de elementos de origens estilísticas e históricas diferentes em uma mesma obra arquitetônica.

período de profundas mudanças, pois com ele veio a separação entre o papel do arquiteto e do engenheiro.

Além da questão do traçado urbano, do surgimento de novos materiais e métodos construtivos, houve uma espécie de “surto” na Europa quanto a sociedade se tornar cada vez mais moderna e civilizada em um projeto que proporcionava o desejo de adquirir um amplo campo de conhecimento em todas as áreas que se destinavam a pesquisar.

Um importante detalhe foi que o gosto pelo desconhecido, pelo exótico e pelo que era diferente se tornou diretamente proporcional à necessidade e avidez europeia pelo descobrimento, bem como pela sensação de poder gerado a partir do domínio de outras culturas tidas como selvagens e/ou misteriosas, onde a apropriação dos mais diversificados elementos culturais fez com que a Europa se lançasse a assimilar estas culturas, extraíndo delas o que lhe aprouvesse para em seguida absorver estes dados em seu sistema cultural, conformando-os em novos significados e estruturas que justificavam o sistema social e cultural vigente no Ocidente, principalmente na Europa.

Segundo a Professora Sônia Gomes Pereira, em seu texto sobre *Arte no Brasil no século XIX e início do XX* (2010), o panorama, que envolve a arquitetura nesse período entre séculos, usando a cidade do Rio de Janeiro como exemplo de como o processo de transformação na malha

urbana, explicitado anteriormente, afetou o modo como a cidade se organizava.

De acordo com as palavras dessa autora, esse processo de modernização das cidades tornou-se cada vez mais agudo e, a demanda por esta modernização, impôs-se de forma tão contundente porque era motivada pelo agravamento das condições urbanas, se no Império já havia uma preocupação com os problemas das cidades, com o início da República tornou-se primordial buscar soluções para melhorar a imagem da capital e foi a partir dessas reformas que o Rio de Janeiro passou a ser visto e admirado como uma cidade cercada por praias.

Considerando seu processo de formação, o ecletismo sofreu forte influência do Movimento Romântico, que teve origem na Inglaterra e foi muito presente na literatura, bem como teve sua presença marcada nas artes plásticas e na arquitetura. Entre suas características, estão a atitude de nostalgia, o antagonismo exacerbado ao presente e passado imediato e a negação tanto da frivolidade do rococó quanto do racionalismo sem imaginação e artificial proposto pela sociedade voltada para a indústria e o comércio. Em muitos casos, é um tipo de reação do sentimento contra a razão, da natureza contra o artificial, do simples contra o ostentoso e da fé contra o ceticismo.

Para Nikolaus Pevsner (1982), essa constante oposição entre o passado e o presente permeou por todas as formas de se expressar do estilo

romântico, embora para o autor algumas de suas características tenham se desenvolvido a partir do racionalismo e do rococó, como é o caso dos jardins-paisagens e do ressurgimento de formas medievais nas artes plásticas e arquitetura. O revivalismo de alguns estilos na arquitetura ganhou forma e, ao longo do tempo, força no processo de construção de edifícios e residências, pois a sociedade e cultura europeia, e posteriormente as americanas, incorporaram rapidamente este novo estilo arquitetônico.



A primeira referência ao uso de um revivalismo do estilo mourisco, segundo Pevsner, acontece em Kew Gardens (Fig. 4), localizado no Reino Unido. Originalmente, o desenho é de influência rococó e apresentou a maior variedade de extravagâncias ornamentais que apareciam nos

jardins daquela época. Além de um edifício semelhante à Alhambra, havia um pagode chinês e templos dedicados às figuras mitológicas.



**Figura 4**

"A View in Kew Gardens of the Alhambra and the Pagoda", 1813. Imagem completa e detalhe do edifício que faz referência à Alhambra. O original foi criado em 1798 por

Mannskirsch e foi gravado posteriormente por Schutz, as técnicas empregadas foram aquarela e água-tinta. Dimensões: 14 1/8 x 17 ¼ in. (35,9 x 43,8 cm). Peça atribuída à The Elisha Whittelsey Collection, The Elisha Whittelsey Fond, 1963.

Disponível em < <http://www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/343460>> Acesso em: abr. 2020

A graça produzida pela presença dos elementos provenientes das culturas turca, chinesa, moura, entre outras, faz jogo com um duplo sentido presente no refinado rococó, no qual essas coexistências de elementos tão distintos dialogam com o que se passa na sociedade e no mundo, sendo um prenúncio do gosto estilístico pelo que é considerado diferente, exótico e misterioso, cuja presença será em larga escala no ecletismo em voga a partir do século XIX.

O ecletismo era próprio da classe burguesa vigente que dava prioridade ao novo, ao progresso, bem como ao conforto, embora para muitos arquitetos e pesquisadores isso tenha rebaixado a produção arquitetônica e artística ao nível do modismo para se enquadrar na questão do gosto.

Nesse período, os clientes pareciam ter perdido a suscetibilidade estética, levando a arquitetura a um estilo mais livre e fantasioso, desenvolvendo-se próximo de uma exatidão histórica e arqueológica. Até o início do século XX, a arquitetura apresentou muitos estilos, em um ir e vir constante cujas preferências dos clientes variavam conforme a moda vigente.

O ecletismo, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, adquire maior espessura em sua formação, pois além de contar com a qualidade profissional dos artistas que vieram com a Missão Francesa, foi influenciado pelo contato com o romantismo inglês, absorvido e mediado por Portugal, bem como enriquecido com as características próprias da arte e da história portuguesa que, assim como a Espanha, passaram séculos sob o domínio árabe e com isso se diferenciaram das de outras cidades europeias.

Com a passagem do Império para a República, o ecletismo atingiu seu ponto culminante no desenvolvimento da arquitetura brasileira, principalmente, a carioca. A transformação urbana marcou esse período com o "*boom*" de prédios em estilo eclético, e, atrelada a ela, veio ou antecedeu a necessidade de remodelar a cidade e transformá-la para se adequar à perfeita imagem da *belle époque*.

Inúmeras reformas urbanas ocorreram no Rio de Janeiro e a principal delas foi a de Pereira Passos que se iniciou em 1903 - ele queria uma imagem nova para a cidade, mais moderna e sem ligação com o passado do regime escravocrata. Além da preocupação com a imagem veiculada para os turistas, houve a preocupação com as questões de saneamento básico e salubridade, e com ela também surgiu a necessidade de adequar a cidade aos automóveis, construindo longas e largas vias, levando à

destruição dos cortiços e antigos casarios e trazendo com as reformas a energia elétrica e uma nova construção do espaço urbano.

Portanto, com o aparecimento de tantos edifícios e de tão variados estilos, de caráter permanente ou não no cenário carioca, cabe ressaltar como último ponto a preocupação dos profissionais da área em relação à ligação entre os estilos e a questão do gosto. Para Ruth Levy (2010), seguindo alguns recortes de falas de Morales de Los Rios, os estilos vão além da questão do gosto de um patrono, de uma classe, de uma geração ou de um artista, pois eles seguem três importantes princípios: a hereditariedade, a adaptação e a inovação. A variedade de estilos é o reflexo das relações entre os sentimentos estéticos, as necessidades e as condições tanto políticas e econômicas quanto socioculturais, em que “o *apogeu de um estilo* é o alcançado pelo mesmo quando, tendo criado novas formas, preenche seu destino e satisfaz as exigências de sua época.” (LEVY, p.94, 2010).

### **3. Influências islâmicas na arquitetura e o surgimento dos estilos neoislâmicos**

Em pleno século VII, os povos da parte ocidental da Arábia estabeleceram o Islamismo não só como principal, senão única, religião monoteísta vigente, mas também como uma nova ordem política. O Islamismo é uma das maiores religiões do mundo e foi fundado pelo profeta Maomé, o

qual em 622 d.C deixa Meca e vai para Yathrib-Medina ou a Cidade do Profeta onde inicia a contagem islâmica do tempo. Já em 630 ele retorna para Meca, morrendo após dois anos e o governo para seus herdeiros. Desse ano até 661 houve o período dos Quatro Califas Legítimos, quando o Islão se consolidou como religião e expandiu-se por toda a Arábia e regiões próximas. A expansão territorialista e religiosa foi tão vertiginosa que abrangeu terras desde a Península Ibérica à Ásia Central de tal forma que, no primeiro século de domínio, já havia unificado toda a Península Arábica, conquistado parte das províncias do Império Bizantino e todo o Império Persa.

Considerando o viés relativo à arquitetura, a de origem islâmica teve início no século VII no Oriente Médio e, embora tenha passado por diversos estágios nos desenvolvimentos regionais, manteve o cerne de sua identidade. Suas características principais são facilmente identificáveis quando se analisa o principal tipo de construção islâmica: a mesquita. Este tipo de arquitetura incorpora em seus elementos os arcos quebrados, os arcos ogivais, as cúpulas, os minaretes, portais, pátios fechados, fontes, espaços amplos e ornamentados, além de uma decoração de superfícies num estilo único.

Além das mesquitas, a arquitetura civil também merece destaque, sendo que as primeiras edificações não tinham estilo uniforme. Durante o Período Fatímida (Egito: 969-1171), surgiu um vocabulário arquitetônico

próprio e comum para as construções, com suas cúpulas, arcos de carena<sup>8</sup>, alvenaria de pedra e trabalhos em azulejaria. Esses elementos marcaram profundamente a arquitetura islâmica e permaneceram presentes nas construções durante séculos, incluindo outras regiões como a Pérsia e a Península Ibérica, sendo acrescentados outros detalhes e elementos estruturais e/ou ornamentais de acordo com a região dominada ou com o contato com outros povos e culturas.

Em relação à arquitetura islâmica na Península Ibérica, é importante destacar a região de Al-Andalus, pois este foi o nome dado à região após a conquista islâmica. A Península Ibérica foi conquistada pelos árabes em 711 e reconquistada pelos cristãos em 1492. O mais famoso exemplar do esplendor da cultura islâmica na Península Ibérica foi Córdoba, que em pleno século X era tanto a maior quanto a mais próspera econômica e culturalmente cidade da Europa, bem como um importante centro de peregrinação, sendo depois substituída por Granada.

Após a reconquista católica, a beleza da arquitetura e da arte islâmica só retorna ao cenário internacional no final do século XVIII. Em decorrência de vários eventos, tanto sociopolíticos e econômicos quanto culturais, que permearam o século XVIII e o XIX, surgiu na Europa um exacerbado

---

<sup>8</sup> Arco de carena: É também chamado de contracurvado, conupial, colchete, flamejante ou querene. Estrutura formada por curvas e contracurvas a partir de quatro centros diferentes, cujo resultado é uma forma ondulante.

fascínio pela cultura oriental sendo atribuídas características a ela como o exótico, sedutor, misterioso e fantasioso. Considerado uma das primeiras referências ao uso do estilo mourisco fora da região de Andaluzia, um edifício semelhante à Alhambra<sup>9</sup> foi construído para ornamentar Kew Gardens, no Reino Unido, mencionado anteriormente.

O estilo islâmico, entre outros de caráter oriental, foi muito utilizado na arquitetura de caráter historicista, a partir do romantismo, em pleno século XIX. As interpretações desse estilo deram origem a vários tipos de “neos” já no período eclético, como por exemplo, o neomourisco, o neomudéjar, o neopersa, neoislâmico, neoárabe etc. Muitos edifícios ou partes deles foram inspirados nos elementos da arquitetura, ornamentação e decoração presentes nas edificações da região do Al-Andaluz.

Em Portugal, o estilo neoárabe ou neoislâmico foi largamente utilizado tanto na arquitetura civil quanto pela religiosa e pela residencial, tendo como exemplo o Salão Nobre do Palácio da Bolsa e algumas fachadas de casas. No Brasil, suas variações seguem presentes tanto na arquitetura civil quanto na religiosa como, por exemplo, o interior da Igreja de Nossa Senhora da Lapinha, em Salvador; o Mercado Municipal de Campinas, em

---

<sup>9</sup> Complexo arquitetônico que foi construído em Granada no período compreendido entre os anos de 1248 e 1300. É ao mesmo tempo uma fortaleza e um complexo palaciano.



São Paulo; o Pavilhão Mourisco, em Manguinhos, no Rio de Janeiro e, a Igreja do Imaculado Coração de Maria, no Méier, fonte da análise a seguir.

#### **4. Breve análise sobre a Basílica do Imaculado Coração de Maria**

A igreja foi projetada, como dito anteriormente, por Adolfo Morales de Los Ryos para a ordem de padres claretianos, que escolheram a região do Méier como local para fundar sua comunidade e construir uma igreja dedicada ao Coração Imaculado de Maria, o que vem a ser uma das premissas dessa ordem.

Para além desse fato e do que foi exposto anteriormente sobre a questão do ecletismo e do revivalismo de elementos da arte e arquitetura islâmicas, também deve-se considerar que a escolha de estilos de caráter oriental para compor edifícios e ornamentações ecléticas era bastante popular até mesmo entre os arquitetos, os quais desenvolviam determinadas preferências por um ou outro estilo. Alguns, como era o caso de Los Ryos, escolheram homenagear sua cultura e história, ligados à questão do nacionalismo.

Para tal efeito, ele buscou nas edificações medievais da Espanha sua inspiração, em especial a planta em estilo basilical, de construção densa e de exterior, que traz à lembrança as igrejas e construções militares do

período românico, inspirada a partir da arquitetura da Igreja de Santa Maria la Blanca na cidade de Toledo.

A decoração de rendilhados, arabescos e mosaicos presentes em Alhambra, e a composição rítmica de sequências de colunas que ladeiam a nave principal e outras passagens que levam as naves laterais e outras dependências da igreja, todas de base lisa e com arcos em estilo ferradura, tendendo mais para o estilo emiral<sup>10</sup>, foram inspiradas a partir da Mesquita-Catedral de Córdoba com suas naves sustentadas por duplas sequências de colunas encimadas por arcos de ferradura.

Uma atenção especial deve ser dedicada às portas da Entrada Principal da igreja (l. 4). Seu desenho, de belos e intrincados desenhos, é atribuído ao arquiteto Matias Ferreira e seu entalhe é brilhantemente executado em madeira nobre de jacarandá pela casa Ferreira e Companhia. São duas portas de jacarandá brasileiro separadas por uma pilastra e encimadas por uma estrutura de ferro que encerra um mosaico multicolorido (Fig. 5) cuja composição lembra a rosetas polilobadas, possivelmente inspiradas nos padrões geométricos da azulejaria mourisca.

---

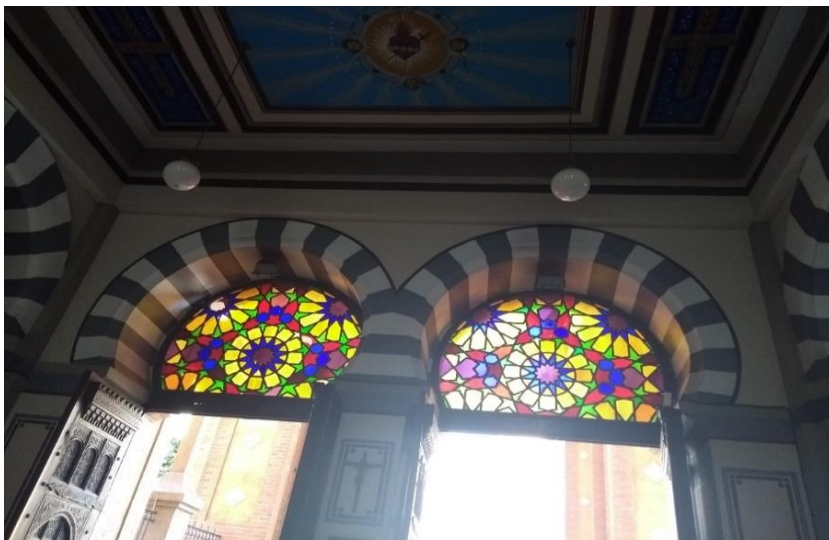
<sup>10</sup> Forma de arco estilo ferradura, inspirado nos arcos romanos e visigodos, com trabalho de cantaria em pedras brancas e tijolos vermelhos. Podem ser usados em dupla sequência no papel de suporte da estrutura principal de um edifício.



**Figura 5**

Uma das portas da Entrada Principal da igreja, feita em jacarandá brasileiro.

Foto: Cláudia G. Cardoso



**Figura 6**

Mosaicos multicoloridos localizados sobre as portas da Entrada Principal da igreja.

Foto: Cláudia G. Cardoso

O trabalho de entalhes e relevos realizados nas portas, mais a combinação de aplicação em sua superfície de bronzes esculpido, são combinados de forma delicada e remetem não só à azulejaria mourisca, principalmente

a de estilo alicatado<sup>11</sup>, mas também aos arabescos<sup>12</sup> e detalhes de ornamentação interna, como arabescos, favos de mel e rendilhados presentes na maioria das edificações existentes na Andaluzia, como as de Alhambra e Córdoba.

Além das portas que são originais do período de construção da igreja, há também a imagem da padroeira em destaque no altar-mor. A Imagem do Sagrado Coração de Maria possui 1,80 metro de altura, feita em madeira policromada e com detalhes em aplicação de ouro, trazida pelo Pe. Florentino Simón, sendo importada da cidade de Olot, na Espanha, e oferecida em doação pela benfeitora D. Gentil Pavão. Vale destacar que por sofrer inúmeros furtos e casos de violência em seus arredores, a igreja teve sua entrada e as laterais do terreno fechadas por grades e portões de ferro, sendo abertos somente nos períodos de realização de missas.

Todo o projeto da igreja apresenta alto grau de riqueza técnica e estilística, e por ser inspirado nesse período arquitetônico da Espanha, traz, a partir do ecletismo, todo um sentido de revivalismo romântico dos estilos medievais presentes na Espanha, tanto durante o período de

---

<sup>11</sup> Estilo de azulejaria desenvolvido pelos mouros, onde as peças de azulejo de cores branca e primárias são cortadas em pequenos pedaços com alicates, formando peças menores com desenhos específicos e que serão remontadas, a partir de composição de cores, sobre outra peça base de azulejos.

<sup>12</sup> Elaborada combinação de formas geométricas que normalmente representam desenhos de animais ou composições de padrões florais, naturais.

dominação muçulmana quanto da reconquista católica. É um selo de identidade cultural, social e artística, por parte da vida e da arte do arquiteto, ou seja, pelas origens da ordem claretiana.

## **5. Considerações finais**

Influenciado e, ao mesmo tempo, entusiasmado por suas origens espanholas, Adolfo Morales de Los Rios trouxe consigo várias ideias para a construção da Igreja do Imaculado Coração de Maria. Um dos principais elementos relacionados com a escolha dos estilos arquitetônicos de origem islâmica e espanhola, para compor a ornamentação do edifício de caráter eclético, é a relação entre o projeto e a importância das relações envolvidas entre a origem da ordem religiosa claretiana, sua devoção à Mãe de Jesus, e o valor a sua origem espanhola. Sua produção arquitetônica e artística claramente exhibe os padrões compositivos de forma, formato e cor daquelas usadas na região do Al-Ândalus, na Espanha.

Além do que foi mencionado anteriormente, ressalta-se a questão do movimento eclético na arquitetura e que entre os séculos XIX e XX, tanto na Europa quanto no Brasil, alguns elementos artísticos e culturais retornaram com força quanto ao processo de decoração e ornamentação dos edifícios, principalmente naqueles que claramente faziam referência

ao revivalismo de estilos orientais ou a uma mistura eclética de elementos que prezavam pelos elementos de caráter árabe ou islâmico

Observa-se que, na proposta de Adolfo Morales de los Rios, essa característica, de certa forma, retorna. Pode-se perceber em seu projeto para a basílica a importância de sua origem espanhola, além do forte caráter religioso e simbólico que permeia o traçado arquitetônico da edificação, não deixando de lado o valor filosófico empregado pelo desejo dos padres claretianos de demonstrar a importância de sua fé e valorizar sua origem enquanto ordem religiosa.

Portanto, embora a maioria dos arquitetos atribui à Basílica do Imaculado Coração de Maria o valor de monumento que varia nos estilos neoislâmicos, sua arquitetura e ornamentação são uma miscelânea de elementos ligados à arte e à arquitetura presentes na região de Andaluz desde o período medieval e que foram revitalizados e, por vezes, ressignificados pelo ecletismo em sua vertente romântica e historicista. Ela realmente traz à tona elementos da arquitetura mourisca, como os tijolos avermelhados, por exemplo. Mas é mais marcante a presença de elementos mudéjares.

Dessa forma, a partir de todas essas influências, a Basílica do Imaculado Coração de Maria é uma joia rara e única na arquitetura carioca. É, também, uma raridade da arquitetura eclética tanto carioca quanto brasileira, uma fonte inesgotável de informação, seja para pesquisadores,

artistas ou arquitetos, com relação à importância da herança árabe e islâmica na formação da identidade cultural e artística brasileira.

## Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arquitetura e "Enciclopédia"**. In: História da Arte como história da cidade. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p.197-203

BASÍLICA IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. **Missionários Claretianos no Méier**. Livro comemorativo dos 75 anos da igreja. Rio de Janeiro, 1992.

BELL, Julian. **Uma Nova História da Arte**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008.

BUCKHARDT, Titus. **A arte sagrada no Oriente e no Ocidente: princípios e métodos**. São Paulo: Attar Editorial, 2004.

CALVERT, ALBERT FREDERICK. **The Allambra**. Being a Brief Record of The Arabian Conquest of The Peninsula With a Particular Account of the Mohammedan Architecture and Decoration. London /New Your:The Bodley Head/John Lane Company,1906.464 p. Disponível em: <[archive.org/stream/cu31924015691326#page/n49/mode/2up](http://archive.org/stream/cu31924015691326#page/n49/mode/2up)>. Acesso: jun. 2017.

CHEREM, Youssef. **A história da arte do Islã - Em busca de uma identidade**. VII Encontro de História da Arte. São Paulo: UNICAMP, 2011.



COTE, Emily. **História Ilustrada da Arquitetura**. São Paulo: Publifolha, 2012.

CUNHA, Almir Paredes. **Dicionário de artes plásticas: guia para o estudo da história da arte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

DEL BRENNNA, Giovanna Rosso. **Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX)**. In: Ecletismo na Arquitetura Brasileira / organização Annateresa Fabris. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo: 1987. p.29-68

FABRIS, Annateresa. **O Ecletismo à luz do Modernismo**. In: Ecletismo na Arquitetura Brasileira / organização Annateresa Fabris. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo: 1987. p.280-292

FILHO, Adolfo de Morales de Los Rios. **Figura, vida e obra de Adolfo Morales de Los Rios**. Rio de Janeiro: Editora Borsoi, 1959.

FILHO, Péricles Memória. **Archimedes Memória**. O Último dos Ecléticos. Rio de Janeiro: Editora e Livraria Brasil Ltda. / Interage, 2008.

GOWING, Lawrence. **A Arte Islâmica**. In: História da Arte: A alta Idade Média Europeia / A Arte Islâmica. São Paulo: Editora Folio - Brasil, 2008. p.74-117

LEVY, Ruth. **A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca no início dos anos 1920**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2010.

MONDONI, Danilo. **A igreja em meio às transmigrações germânicas e às invasões árabes.** *In:* O cristianismo na Idade Média. São Paulo: Edições Loyola, 2014. Cap.2. p.17-22

PANOFSKY, Erwin. Significado Nas Artes Visuais. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PATETTA, Luciano. **Considerações sobre o Ecletismo na Europa.** *In:* Ecletismo na Arquitetura Brasileira / organização Annateresa Fabris. São Paulo: Nobel; Editora da Universidade de São Paulo: 1987. p. 10-28

PEREIRA, Sônia Gomes. **Arte no Brasil no século XIX e início do XX.** *In:* História da Arte no Brasil: textos de Síntese. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. p. 59-98

PEVSNER, Nikolaus. **O Movimento Romântico, o Historicismo e o início do Movimento Moderno 1760-1914.** *In:* Panorama da arquitetura ocidental. 1ª ed. bras. São Paulo: Martins Fontes, 1982. p. 335-386

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. **O Ecletismo e seus contemporâneos na arquitetura do Rio de Janeiro.** *In:* Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro / [organizador Jorge Czajkowski] – Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, Editora Casa da Palavra, 2000. p. 5-24